
ARTIGO

Conexão de oração: um estudo dos valores da conjunção “e”

Natali Sousa de Carvalho
Universidade de Brasília

RESUMO

Este é um artigo qualitativo, o qual faz um estudo aprofundado sobre as conjunções “mas” e “e” nas orações coordenadas adversativas e aditivas respectivamente. Semântica é o ramo da lingüística que estuda o significado das palavras e a interpretação de uma palavra na frase ou oração. As conjunções apresentadas têm valores predominantes, porém em algumas situações podem adquirir diferentes interpretações, depende do contexto lingüístico. No famoso poema “o amor é fogo que arde sem ver” de Luís Vaz de Camões, grande representante da literatura, é possível identificar um exemplo em que a conjunção “e” representa uma oração coordenada adversativa, devido feições contraditórias e o jogo de oposições utilizado pelo autor no trecho “É ferida que dói, e não se sente” (Camões, 1595). Este trabalho apresenta-se também as orações entonais, ou seja, conjunção “e” com valor de condicional.

Palavras-chave: Orações coordenadas. Conjunções. Valor semântico. Contexto lingüístico.

Introdução

Neste trabalho apresenta-se um amplo estudo sobre as orações coordenadas aditivas e adversativas e as principais conjunções “e” e “mas”. O objetivo é entender as mudanças semânticas as quais podem ocorrer com uso destas conjunções. Cabe esclarecer pontos relevantes, tais como: o que se entende por conjunções aditivas e adversativas; a que mudanças de sentido estão se referindo; as abordagens que referências bibliográficas fazem do tema.

No primeiro momento, apresenta-se uma reflexão sobre o que é o período composto por coordenação e algumas informações sobre este período e as conjunções utilizadas. No segundo momento, há uma breve investigação a acerca do posicionamento de alguns gramáticos a respeito do tema apresentado. Vale ressaltar que, um pequeno número desses não abordou os possíveis valores semânticos que o “e” e o “mas” podem adquirir. Outra parte destes estudiosos contribuiu significativamente com relação ao tema proposto.

Foram apresentados dados os quais demonstram como a conjunção aditiva “e” pode adquirir um valor adversativo e o “mas” valor aditivo. Em seguida, há uma análise destes dados, os quais

apontam que é possível identificar valores suplementares da conjunção “e”, citado por Evanildo Bechara e outros valores afetivos do “mas” abordadas por Cunha & Cintra.

1. Coordenação nas gramáticas

O período composto por coordenação agrupa orações as quais pertencem ao mesmo nível sintático, por isso, são consideradas independentes uma das outras. As conjunções têm função de reunir estas orações no mesmo discurso. São atribuídas funções semânticas: como marcar, exprimir ideias e outras; são atribuídas também funções sintáticas: como ligar unidades, como já citado. Essas podem ser classificadas como aditivas, adversativas, dentre outras.

Flávia Carone, autora do livro *subordinação e coordenação confrontos e contrastes*, afirma que “Um traço considerado definidor da natureza da coordenação é a formação de seqüências abertas, a que sempre se podem agregar mais um elemento.”(Carone, pg. 28). Porém, a autora deixa claro que este traço está presente na oração aditiva e não nas adverbiais.

Na frase “Deus é bom, *mas* justo” é uma construção adversativa fechada, em que o segundo termo se opõe ao primeiro, elimina a possibilidade de seqüência aberta, pois o valor retroativo da conjunção impede o prosseguimento da oração. No exemplo “Deus é bom, *mas* justo e severo”, essa sentença também seria uma estrutura fechada, pois *severo* é ligado ao adjetivo *justo* ambos constroem uma unidade em oposição a *bom*.

A conjunção “mas” organiza o coordenado em pares, no momento que acrescenta uma nova expansão a um termo da oração, cria-se um novo par, que também se fecha. Vale ressaltar que, a identificação dos pares não pode ser orientada apenas pela essência da conjunção, como também pelo conteúdo significativo das frases. . A seguir, uma breve consulta às gramáticas tradicionais do português sobre as conjunções “e” e “mas” e suas correlações semânticas nas orações coordenadas.

1.1 Bechara, Evanildo - Moderna gramática portuguesa

Segundo o autor, as conjunções aditivas são responsáveis por unir frases, orações e/ou palavras. Estas conjunções indicam uma relação de adição. O autor utiliza os conectores *nem*, *e* na exemplificação. No exemplo a seguir, a conjunção *e* reúne à oração principal *o velho teme o futuro*, com a oração coordenada *se abriga no passado*. Bechara afirma que, as conjunções coordenativas somente estabelecem uma interpretação semântica entre o conteúdo e pensamento do falante.

Ex (1): O velho teme o futuro *e* se abriga no passado. (Bechara, pg. 320)

As conjunções adversativas são aquelas as quais marcam o sentido de oposição entre as orações. No exemplo, encontra-se a oração principal que afirma o término das ressurreições, já na oração coordenada, com a conjunção “mas”, demonstra uma ideia contrária da inicial.

Ex (2): Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua a das insurreições. (Bechara, pg.321)

Bechara ainda afirma que, nas orações coordenadas aditivas, os lexemas envolvidos podem ter diferentes significados. Dessa forma, é possível retirar um conteúdo suplementar de “oposição”. “Esse sentindo contextuais, importantes mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas”. (Bechara, pg. 320). Com outras palavras, a relação gramatical de adição não é prejudicada pela interpretação semântica de oposição.

Ex (3): Rico *e* inteligente; Rico *e* desonesto (Bechara, pg. 320)

Nos dois exemplos encontra-se o uso da conjunção “e”, a qual estabelece uma relação de adição. Não obstante, no exemplo rico *e* desonesto pode-se retirar um conteúdo suplementar. Ou seja, a conjunção “e” é capaz de aderir a ideia de oposição, observa-se: rico, *mas* desonesto. No sentido literário, todo rico deveria ser honesto, porém na oração apresentada, ocorre o oposto.

1.2 Rocha Lima- Gramática normativa da língua portuguesa

De acordo com Rocha Lima, conjunções são palavras os quais relacionam elementos da mesma natureza, isso acontece nas orações coordenadas aditivas e adversativas. Observa-se também que, pode relacionar orações de natureza distinta. Neste artigo, trabalha-se com a primeira definição. De acordo com autor, as conjunções aditivas são aquelas as quais estabelecem união entre pensamentos similares e afirmativos. O exemplo abaixo mostra a conexão entendimentos entre a oração principal e a oração coordenada. Ou seja, o médico reproduziu duas ações de vim e telefonar.

Ex (4): O médico veio *e* telefonou mais tarde. (Rocha Lima, pg. 235)

As conjunções adversativas conectam pensamentos opostos. Rocha Lima afirma que o conectivo o qual melhor representa esta categoria è o “mas”. No exemplo a seguir, encontra-se na oração principal uma afirmação sobre gostar de navio, já na oração coordenada observa-se uma oposição devido à preferência por avião. Essa é marcada pelo uso do conectivo em estudo.

Ex (5): Gosto de navio, *mas* prefiro avião. (Rocha Lima, pg. 235)

O autor não se pronunciou sobre as possíveis contribuições suplementares na semântica que a conjunção “e” (aditiva) e “mas” (adversativa), podem estabelecer.

1.3 Cunha & Cintra - Nova gramática do português contemporâneo

Celso Cunha e Lindley Cintra afirmam que, as conjunções aditivas são utilizadas para conectar termos e oração com as mesmas funções. No exemplo a seguir ocorre uma sequência de acontecimentos oracionais, interligados pela conjunção “e”. Observa-se que Leonor volta, depois desfalece.

Ex (6): Leonor voltou-se *e* desfaleceu. (G. Ramos, I, 81.)

As conjunções adversativas, segundo os autores, também estabelecem uma relação de conexão entre os termos de uma oração, vale ressaltar que essas apresentam uma ideia de contraste. O exemplo afirma o desejo de cantar e o não cumprimento deste desejo. Esse é um pensamento contrario ao

esperado, pois quando se deseja algo, é natural que faça. A marca deste contraste é a conjunção “mas”.

Ex (7): Apetece cantar, *mas* não canta (M. Torga, CH, 44.)

Cunha & Cintra observam que as conjunções podem apresentar muitas interpretações, isso ocorre devido à relação estabelecida entre palavras e orações. O exemplo a seguir mostra a conjunção “e” com um valor semântico adversativo. Pois, no sentido literal, quem aprende pode-se considerar que sabe algo. Na oração apresentada, ocorre o contrário do esperado.

Ex (8): Tanto tenho aprendido *e* não sei nada. (F. Espanca, S, 61)

A conjunção “mas” também é observada por diferentes valores efetivos. No exemplo a seguir, ocorre uma adição de adjetivos a moça. Neste caso, o uso desta conjunção tem o valor semântico de acrescentar, adicionar algo, visto que, não passa um sentido por excelência de oposição.

Ex (9): Era bela, *mas* principalmente rara. (Machado de Assis, OC, I, 369)

1.4 Bagno, Marcos- Gramática pedagógica do português brasileiro

Marcos Bagno não faz referência à conjunção aditiva “e”, essa é um dos objetos de estudo deste artigo. O autor utiliza nos seus exemplos apenas a conjunção “nem”. Nas conjunções adversativas, o “mas” é a conjunção a qual faz referência. Bagno analisa desde a origem como advérbio latino “magis”, percorre pela evolução do “mais” como conjunção e advérbio, até o surgimento da forma escrita “mas” como conjunção.

É correto observar a interferência do português medieval no uso do “mas” aditivo e adversativo. Nas primeiras construções o “mais” era utilizado como um comparativo de superioridade de quantidade e qualidade. Segue o exemplo, analisa-se que existe ideia de oposição entre João e José.

Ex (10): Se João é *mais* inteligente do que José, então existe *diferença* entre as notas da prova.

No exemplo (11), retirado das escritas medievais, pode-se ter a seguinte interpretação: Deus quer que A: [pecadores não se percam]; B: [voltem para ele e façam penitências].

Ex(11): Grandes graças devemos dar a nosso senhor que não quer que os pecadores se percam, *mais* do que se voltem para ele e que façam penitência. (Bagno, pg.890)

No sentido comparativo que tornará adversativo, pode-se utilizar o exemplo da seguinte forma:

Ex (12): *Mais* do que os pecadores não se percam, Deus quer que eles se votem a ele e façam penitência. . (Bagno, pg.890)

Neste exemplo (12), observa-se que permanece a construção A e B, visto que a oração B tem um valor mais importante nessa estrutura. Ocorre, portanto, uma comparação de superioridade, quando algo é superior a outro, pode considerar a ideia de oposição. No exemplo (13), fica claro que a conjunção medieval “mais”, que passou a ser “mas” não só passa a ideia de adição, como também estipula dois pesos entre as orações que pode chamar de adversativa.

Ex (13): Deus não só quer que os pecadores não se percam, *mas* que eles voltem para ele e façam penitência. . (Bagno, pg.890)

1.5 Neves, Maria Helena de Moura- Gramática de usos do português

Segundo Maria Helena Neves, a conjunção aditiva “e” marca a neutralidade do coordenador em relação ao coordenado. No exemplo a seguir, mostra que o elemento coordenador “eu” fica menos evidente, quando se compara com o coordenado “meu marido”. O conectivo aditivo é fundamental nesse processo, segundo a autora.

Ex (14): Eu *e* meu marido fizemos os exames necessários (Neves, pg.739)

Maria Helena ainda afirma que, quando a conjunção “e” assumiu valor semântico, como o de contraste, a conjunção perde a marca da neutralidade. Observe no exemplo a seguir que, o elemento coordenador se iguala com o elemento coordenado. Ou seja, o esperado é despenar o frango e ganhar algo na vida. O conectivo aditivo ganha uma carga semântica de adversativo.

Ex (15): *depenava* frangos *e* não ganhava nada. (Neves, pg.739)

Nas conjunções adversativas, o conectivo utilizado pela autora é o “mas”. Observa que esse conector marca a desigualdade existente em uma oração coordenada adversativa. “A desigualdade é utilizada para organização da informação e para a estruturação da argumentação.” (Neves, pg. 739). O “mas” tem alguns valores semânticos no seu uso, como o de restringir e acrescentar informação. No exemplo a seguir, observa-se que o coordenado “não foi com a Luízinha” é uma informação a mais sobre a pessoa a qual não se casou, isso possibilita restringir o rol de possibilidades.

Ex (16): Casou-se. *Mas* não foi com a Luízinha. (Neves, pg. 761).

1.6 Ataliba, Castilho- Gramática do português brasileiro

Segundo o autor, as conjunções aditivas podem ser analisadas como a soma da segunda oração como a oração principal, responsável pela enunciação do conteúdo. Ou seja, o que fala no primeiro termo é utilizado no segundo sem repetições. No exemplo a seguir, O verbo “vi” anuncia o primeiro e o segundo elemento da oração, são coordenados pela conjunção “e”.

Ex(17): Vi um homem *e* um cão. (Ataliba, pg.349).

Castilho fala sobre as propriedades sintáticas da conjunção em estudo, porém não se posiciona a respeito do valor semântica de oposição que essa pode adquirir.

O autor afirma que as conjunções adversativas têm o seguinte valor de quebra de expectativa, ou seja, as expectativas geradas na primeira oração são frustradas na segunda oração. A conjunção utilizada é “mas”. O exemplo a seguir, observa-se que a expectativa de dar certo acabou no segundo momento.

Ex (18): Pensei que ia dar certo, *mas* me enganei. (Ataliba, pg.351)

O autor, quando comparado com Marcos Bagno, também faz menção à trajetória de derivações da conjunção “mas”. Ressalta que o valor inclusivo, aditivo, na propriedade semântica do *mais* ocorre

nas sentenças afirmativas. O exemplo a seguir, mostra que a conjunção “*mas*” preserva seu sentido de inclusão somando sintagmas, provoca efeito de ênfase *o dia inteiro*, não de contração, ou seja, valores argumentativos diferentes.

Ex (19): A gente vive de motorista o dia inteiro, *mas* o dia inteiro. (D2sp 360)

1.7 Azeredo, José Carlos de- Gramática Houaiss

O autor afirma que a conjunção aditiva é a união de dois ou mais fatos. O exemplo a seguir mostra que o primeiro momento o motorista é imprudente, no segundo momento vai ser punido por isso. Observa-se que a junção de acontecimentos ocorre com o uso da conjunção “*e*”.

Ex (20): O motorista avançou o sinal *e* o guarda anotou a placa do carro. (Azeredo, pg. 300)

José Carlos de Azeredo afirma que a conjunção “*e*” tem outros valores semânticos. Entre eles, o valor de contraste ou oposição. Normalmente, na segunda oração encontra-se o “*não*”. O exemplo a seguir mostra, na primeira oração, que ocorrerá um evento esportivo e na segunda acontece o oposto do esperado, ou seja, o público não está empolgado. A conjunção “*e*” marca esta ocorrência.

Ex (21): Falta cerca de um mês para o início do maior evento esportivo do mundo *e* o público francês ainda *não* parece contaminado pelo vírus da bola. (Jornal do Brasil, 14/5/1998)

Para o autor a conjunção adversativa mais utilizada é o “*mas*”, pode marcar tanto a posição de ideias, quanto a quebra de expectativa. No exemplo (22), ocorre diferente do esperado, ou seja, se a secretária não é legal, pode-se dizer que não é competente. Todavia, é antipática e competente. Já no exemplo (23), há uma expectativa, pois uma pessoa magrinha tem quase nenhuma possibilidade de derrubar alguém. Veja a seguir:

Ex (22): A secretária é antipática, *mas* competente. (Azeredo, pg. 305)

Ex (23): O lutador era magrinho, *mas* derrubava todos os adversários. (Azeredo, pg. 305)

O autor não se posiciona sobre a ideia da conjunção “*mas*” com aspectos semânticos de aditiva. Afirma que essa conjunção pode oferecer mais informações, com objetivo de reconduzir o pressuposto da primeira oração. Observa-se no exemplo a seguir que compete à polícia encontrar pistas para esclarecer o delito, porém o sistema de segurança é incapaz de produzi-las.

Ex (24): A polícia não tem pistas dos ladrões, *mas* as falhas na segurança do museu são evidentes. (O globo, 14/2/2007)

2. Metodologia dos dados

Algumas conjunções podem para além do seu valor por excelência apresentar ainda outros valores que resultam do contexto linguístico. Neste capítulo, ocorrerá a análise das conjunções “*e*” e “*mas*” aditivas e adversativas simultaneamente, as quais podem ter uma correlação semântica nas orações. No capítulo anterior, coordenação nas gramáticas, observa-se que alguns gramáticos não se posicionaram sobre o tema estudado. Vale ressaltar que, este assunto é de suma importância quanto à interpretação e classificação das orações coordenadas.

Observa-se a seguir dados encontrados da conjunção “e” com a carga semântica de contraste. Em todas as informações apresentadas, podem ocorrer os fenômenos de oposição da oração secundária em relação à principal, e a quebra de expectativas também na oração coordenada. Ambos os casos ocorrem nas orações adversativas com a presença da conjunção “mas”. As exemplificações das orações entonacionais são de autoria de Cilene Aparecida Rodrigues, os demais exemplos são de própria autoria.

Conjunção “e” com valor semântico de oposição/ quebra de expectativa

- 1) Eu apresentei o trabalho *e* ele não gostou.
- 2) Ela sempre fala muito *e* não diz nada.
- 3) Saiu na chuva *e* chegou com o sol.
- 4) Come muito *e* não engorda.
- 5) Não estudou muito *e* não passou na prova.
- 6) É paixão que dói *e* não acaba
- 7) Ela está cansada *e* não pode tirar férias.
- 8) Minha mãe saiu *e* eu fiquei em casa.
- 9) Cheguei antes de entregar as provas *e* não consegui terminar
- 10) O filme é muito bom *e* sua bilheteria foi um fracasso.
- 11) A banda tocou as melhores músicas *e* não foi capaz de empolgar o público.
- 12) Os médicos fizeram tudo *e* o aluno não correspondeu ao tratamento.
- 13) O orador da colação de direito fala muito bem *e* todos estão desatentos.
- 14) Ela queria ser professora *e* passou para direito na federal.
- 15) Compareci na agência, enfrentei uma enorme fila, *e* não consegui resolver o problema.
- 16) Assinou o documento, *e* esqueceu em cima da mesa.

A conjunção “e” também pode adquirir valor semântico condicional, são chamadas de orações entonacionais, possuem uma estrutura de coordenação, porém uma leitura de subordinação. No próximo dado, analisa-se esta estrutura de entonação.

- 1) Você aperta o botão, e o atendente aparece (Rodrigues, 2014)
- 2) Você falte à prova, e será reprovada (Rodrigues, 2014)
- 3) Publique este trabalho, e sua graduação será mal vista (Rodrigues, 2014)

A conjunção “mas” mostra, igualmente, semelhante diversificação interpretativa, também dependente do contexto linguístico. Assim, para além do valor por excelência, que é o adversativo, pode apresentar também o valor aditivo, como mostra as seguintes orações:

- 1) É um aluno estudioso, *mas* principalmente aplicado.
- 2) Não estudou muito, *mas* passou no concurso.

3) Era um homem trabalhador, *mas* principalmente honesto.

4) Não nos deixe sozinhos, Deus; *mas* livrai-nos do mal.

2.1 Análises de dados

No presente artigo, vou analisar os dados me apropriando de uma pesquisa qualitativa. Procurei entender os fenômenos apresentados sobre as conjunções, a partir de diferentes posicionamentos dos gramáticos, direcionei tais interpretações com o objetivo de ampliar a discussão sobre o assunto apresentado. A pesquisa qualitativa responsabiliza-se de diminuir o espaço entre a teoria e dados. Pois, este método está diretamente interligado com as interpretações das ocorrências diárias, essas têm a mesma natureza dos dados.

Os dados apresentados são construções simples, feitas por falantes da língua portuguesa, não necessariamente entendedores das manifestações gramáticas. Esses apresentam uma ideia principal, outra secundária e uma conjunção interligando as duas estruturas. A conjunção é responsável pela carga semântica a qual se torna o objeto de estudo. O método qualitativo apresenta três possibilidades para a abordagem: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. No presente artigo, trabalha-se com a com o estudo de caso.

O estudo de caso é análise vasta de uma unidade de estudo. Neste artigo vise-se fazer uma investigação minuciosa do uso das conjunções “mas” e “e” e seus valores semânticos nas orações. No capítulo anterior, foram apresentados dados os quais apresentam as conjunções “mas” e “e” com valores semânticos diferentes daqueles que têm por excelência. Analisa-se a seguir a carga semântica de oposição e quebra de expectativa da conjunção “e” com valor adversativo e “mas” com valor aditivo.

A palavra “oposição” deriva do radical “opor” que significa ser contrário a algo. Dessa forma, as orações coordenadas adversativas podem se posicionar de forma contrária ao esperado na oração principal. No exemplo: (4) Come muito *e* não engorda, pode-se observar perfeitamente a presença da ideia contrária ao esperado. Ou seja, quando uma pessoa come bastante, o normal é aumento de massa corporal, isso não ocorreu na oração coordenada em estudo.

A quebra de expectativa ocorre no momento que supostos direitos, probabilidades, pressupostos ou promessas são frustrados. No exemplo: (1) Ela está cansada *e* não pode tirar férias, essa oração apresenta uma situação a qual sua expectativa não foi correspondida. Ou seja, pressupõe que todo trabalhador pode tirar, uma vez ao ano, suas férias para descanso. Neste caso apresentado, por motivos desconhecidos, a trabalhadora não pode tirar suas férias, assim sua expectativa não é correspondida. Pode-se analisar que a oposição e a quebra de expectativa das orações coordenadas representam a ideia semelhante de alcance diferente do previsto na oração principal. Por isso são representadas por conjunções adversativas.

Rodrigues, Cilene Aparecida (2014) desenvolveu um artigo sobre o valor semântico condicional da conjunção “e”, chamou essa construção de orações entonacionais. Apresentam uma estrutura de

coordenação, com a compreensão de subordinação. No exemplo (1) Aperte o botão, e o atendente aparece; Pode-se observar a oração coordenada condicional: *se* você apertar o botão, o atendente aparece.

No exemplo apresentado, há uma interpretação de dependência semântica, o que chamamos de subordinação, ou seja, a necessidade de explicação de quando o atendente aparece somente se apertar o botão. Observe que a primeira oração “aperte o botão” não apresenta o foco do contexto. Com outras palavras, o objetivo principal não é apertar o botão, existiu uma necessidade maior que a atendente apareça. A autora afirma que apenas a segunda oração recebe a entonação essencial.

Rodrigues (2014) afirma que “diferença de entonação se associa ao fato de o primeiro termo conter informação velha, enquanto o segundo contém informação nova”. (Rodrigues, pg. 227). Ou seja, com base no exemplo (1), a ação de apertar o botão é repetitiva e sem muita valia, pois o importante é ser orientado pela atendente. De acordo com a afirmação da autora, este fato pode ser analisado e observado nas demais orações apresentadas.

Considerações finais

Diante do exposto, é correto afirmar que não devemos nos apropriar apenas do valor por excelência da conjunção expresso na oração, como também é possível adquirir outras interpretações semânticas citadas por Evanildo Bechara e Cunha & Cintra nos exemplos três e nove respectivamente. Este conhecimento é muito importante no ensino da gramática, pois auxilia ampliar o pensamento crítico e interpretativo do estudante. Vale ressaltar que, a estrutura sintática não deve ser a única a fornecer o necessário para interpretação, recursos como as conjunções auxiliam no mapeamento entre forma e significado.

Referências bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2ªed. São Paulo: Publifolha, 2008a

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa- características, usos e possibilidades**. FEA-USP

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RODRIGUES, Cilene. **No escape from syntax! Das (in) subordinadas condicionais entonacionais**. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós- Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, número 1, junho de 2013. ISSN 1808- 8335X 1. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica

BECHARA, Evanildo. **Morderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARONE, Flávia de Barros, (1995). **Morfossintaxe, Série Fundamentos**, 5.ed, São Paulo: Ed Ática.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.